

O Relógio

Carlos Ventura

“ O Relógio...

“... Era a terceira vez em que eu visitava a sua casa.

Ao entrarmos ela acendeu as luzes da sala que foi imediatamente tomada por uma claridade vertiginosa.

Tudo estava como ela havia deixado pela manhã ao sair para o trabalho.

A casa exalava o inebriante perfume que era a sua marca registrada,

Ela me olhou me deu um sorriso e entrou na cozinha e eu a segui.

Na pia uma xícara de café que estava pela metade impresso na sua borda uma marca de batom,

Pelo aspecto em que a cozinha se encontrava dava a súbita impressão que ela havia acordado tarde e apressada deixou tudo para traz do jeito que lá se estava.

Uma xícara com marca de batom e um pratinho com um pedaço de torrada.

Ela me ofereceu água eu aceitei e enquanto sorvia a água passeia a observar os detalhes da cozinha, a decoração, as panelas dispostas numa bem arrumada simetria, os imãs de geladeira com figuras das mais diversas.

Um estava prendendo um lembrete e um outro, um recorte de revista que me parecia uma dieta. Com o copo na boca a observar por sobre o vidro do mesmo percorrendo com os olhos a bem montada cozinha do seu apartamento,

Olhava as paredes e no canto superior daquele templo a gastronomia algo me chamou atenção! Estava lá um Relógio estrategicamente colocado de forma que onde quer que você fosse naquela cozinha, por ele era observado.

A presença dele imperava no ambiente,

Austero, era a própria imagem do soberano detentor do tempo.

Que dita as horas para o seu reino e mantém todos sempre informados que o tempo

urge, mantendo ela sob seu julgo a apressando sempre para seus compromissos, determinando a ela que é imperativo ser pontual fazendo com que ela quando atrasada para ir para o trabalho deixe café na xícara e torradas no prato.

À noite ele conta as suas horas de solidão enquanto ela esquentava a janta.

**Fui pego de surpresa ao observar o Relógio mais de perto fiquei perplexo ao ver que ele não representava mais o que ostentava ser,
“O Senhor do Tempo”!**

Ele não mais ditava regras sobre as rígidas normas que este mundo globalizado nos força a ter.

Um dia todo voltado para cada segundo contempla-lo, a fim de que estejamos sempre em sintonia com o tempo.

Ele estava parado!

Sim! Pasmem!

Parado!

A posição dos ponteiros era muito interessante, um desenho bastante intrigante.

Ele marcava precisamente dezenove minutos para as quatro ou quinze horas, trinta e nove minutos, quarenta e sete segundos.

Pois é, ainda tinha o detalhe do ponteiro dos segundos, que marcava que faltavam treze segundos para um novo minuto? Uma nova história? Ou quarenta e sete segundos de um novo momento em velhos tempos?

E as horas? Três horas de uma Madrugada e um pouco de minutos?

Para o quê?

Quinze horas de um tempo em que nada pudesse existir?

Quarenta e sete segundos de um eterno instante?

Treze segundos para um novo minuto?

Minuto que não fora completado e talvez tragicamente interrompido?

Perguntas sem respostas e indagações que só eles poderiam responder e que passou a aguçar a minha curiosidade.

Uma Mulher!

Um Relógio !

O Tempo!

O quê os dois teriam em comum?

Saímos da cozinha e fomos para a sala e ela com a sua exuberante beleza me olhava

no fundo da alma, mas a imagem daquele relógio parado não saia da minha cabeça. Ela falava sobre o trabalho e coisas que haviam acontecido naquele dia com ela. Eu já nem escutava o que ela falava o que me fascinava era querer saber como foi aquele dia?

O dia em que o Relógio Parou!

Será que foi uma tarde feliz?

Uma madrugada agradável onde a sua cama estava aquecida?

Madrugada em que seu corpo entregue estava a uma orgia carnal?

Tarde em que sua carne tremula em brasa queimava entre lençóis nos braços de alguém que a fazia se sentir Mulher, a sonhar deixando a sua flor orvalhada?

Três horas de uma agonia sem precedentes ante os prazeres carnavais?

Dezenove minutos para quatro horas de solidão, que por ele (O Relógio), era rigidamente registrada? Trinta e nove minutos de uma busca incessante pelo profundo gozo?

Em que ala masturbava-se em sua cama em meio a solidão

Faltando treze segundos para completarem suas quatro horas de espera e agonia, para atingir seu gozo pleno?

Treze segundos finais em que só as batidas do coração são sentidas através da pulsação de todo o corpo no momento do gozo entre espasmos, carnes tremulas e respiração ofegante.

A visão do relógio parado no tempo e no espaço em meio a toda aquela sofisticação da sua cozinha em que tudo fora pensado para está onde estava detalhes milimetricamente planejados para que ela fosse elegante e prática, seguindo o lema dos novos tempos “Praticidade Acima de Tudo!

O relógio, Ela, Eu.

Estávamos num tempo totalmente fora da ordem.

Eu queria muito mais que ver o designer da cozinha,

Ela por sua vez estava em busca de muito mais que a noite jantar sozinha na companhia de um relógio parado.

E o relógio estava a espera de alguém que pudesse dar a ele a vida de novo, Alguém que tomasse a iniciativa de coloca-lo novamente a cumprir suas funções e obrigações.

Fazendo com que tudo voltasse ao normal,

Eu e Ela em busca de volúpias e aventuras na alcova e ele a fazer encontros e

desencontros com os seus ponteiros.

Era uma terceira vez!

Em que ela me olhava com olhar de pidona.

Em que eu estava doido para levá-la pra cama,

E uma terceira chance para ele voltar ao tempo.

Dezenove minutos para uma nova vida,

Quinze horas de amor no seu quarto perfumado.

Três horas de uma orgia sem fim a serem marcadas por uma nova posição nos ponteiros do relógio e no quarto.

Treze segundos para ela me beijar.

Antes do nosso primeiro minuto íntimo.

Mas enquanto eu maquinava meus sonhos e devaneios, despertei num susto com ela me perguntar com a xícara na mão.

Açúcar ou adoçante?...”

(O Relógio, by Carlos Venttura)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-relogio>